



DAVIDE SILVA/CORTESIA CISTERMÚSICA



No Cistermúsica o clássico vai de Palestrina a Marco Paulo

De Palestrina a Shostakovich, passando por um inusitado Marco Paulo, o Cistermúsica tem “um clássico para todos”. A 33.ª edição do festival decorre até 2 de Agosto

Ricardo da Rocha

Durante séculos lugar de reclusão monástica da Ordem Cisterciense, o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, fundado em 1153, é quase tão antigo como o país. Mas, por estes dias, a abadia é palco daquele que se tornou uma das paragens obrigatórias no roteiro de festivais de Verão dedicados à música clássica: o Cistermúsica – Festival de Música de Alcobaça, cuja 33.ª edição começou a 27 de Junho sob o mote de “variações, impressões e ilusões”.

Na cerca do mosteiro, a fachada da igreja ilumina-se de verde. O vento pouco mais do que ameaça levantar-se, mas uma voz experiente adverte-nos que busquemos agasalho: “Com este frio há coisas que não se ouvem bem na música clássica.” A noite de quinta-feira, não obstante uma ou outra rajada fresca, não seria das mais frias. E o maior obstáculo entre nós e a Orquestra XXI, como se temia, não foram as condições atmosféricas, mas a amplificação sonora.

O programa escolhido para a sua digressão estival (este é o terceiro de quatro concertos, depois de Guimarães e do Porto, ficará só a faltar Lisboa) mergulha em duas das mais emblemáticas obras do século XX, carregadas de tragédia pessoal e colectiva, ainda que bastante distintas: as *Quatro últimas canções*, de Richard Strauss, e a *Sinfonia n.º 5*



em ré menor, Op. 47, de Dimitri Shostakovich.

A abertura, no entanto, fez-se com *Ciprés* (2018), de Andreia Pinto Correia, em estreia nacional, que resultou particularmente bem com a ajuda dos microfones. Um fluxo contínuo de som inspirado num poema homónimo de Federico García Lorca, que surge quase inaudível nos violinos e se vai metamorfoseando numa escrita orgânica, entre

momentos de grande clímax, que a secção de metais ecoa, e outros de grande delicadeza estática.

Depois, a soprano Sofia Fomina enfrentou as *Quatro últimas canções* (1948), obra que aponta ao ocaso da vida de Strauss, composta no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, com a Alemanha (e a sua cultura) feita em pó e da qual o compositor é um símbolo maior. A orquestra deu provas de se saber ouvir e acom-

ID: 118300899

22-07-2025



AFONSO JORGE/CORTESIA CISTERMÚSICA



DAVIDE SILVA/CORTESIA CISTERMÚSICA

Da esquerda para a direita: o Officium Ensemble tem vindo a afirmar-se como uma referência nacional dentro da música antiga; a soprano Sofia Fomina com a Orquestra XXI, sob direcção de Dinis Sousa; a voz de Éva Zaïcik no grupo francês Le Poème Harmonique

panhar, mas a interpretação da cantora russa não despertou grandes paixões. Cantando com recurso à partitura, o seu timbre resultou particularmente bem em “*Beim Schlafengehen*” (Ao ir dormir), a terceira canção, com o concertino a brilhar no seu solo, depois do solo de trompa igualmente irrepreensível na canção anterior.

Num grande entendimento com a orquestra, a direcção de Dinis Sou-

sa tornar-se-ia com Shostakovich mais vigorosa, ainda que os seus gestos pareçam mais do que impor uma visão, sugerir um caminho. O compositor russo é um dos últimos representantes da grande tradição sinfónica, e a sua 5ª sinfonia tem direito a mitologia própria. Estreada em 1937, a coda final repete o surpreendente acorde de ré maior *ad nauseam*, com os metais numa grande fanfarra e as cordas presas a um lá que tocam cerca de duzentas e cinquenta e duas vezes – é difícil não perceber o tom irónico da resposta à censura de que o compositor foi alvo por parte do regime de Estaline, no ano anterior.

Embora a amplificação que nos desse a ouvir todo o tipo de sons indesejáveis (tosses e toques acidentais nas estantes) e limitasse em grande medida a paleta de cores orquestrais (tendo o andamento lento sido o mais sacrificado), a orquestra deu resposta positiva tanto nas grandes massas sonoras como nas passagens camerísticas. É impossível não ser contagiado pelo entusiasmo, a alegria e a coesão de uma orquestra que (sendo jovem e tocando tão poucas vezes) não fica aquém de muitas das orquestras nacionais.

A renascença no refeitório

Na noite seguinte, encontramos abrigo na nave central abobadada do impressionante refeitório, outro- ra espaço onde os monges partilha-

É impossível não ser contagiado pelo entusiasmo da Orquestra XXI, que sendo jovem e tocando tão poucas vezes não fica aquém de muitas das orquestras nacionais

Entre Taras e manias, e temas menos conhecidos, como O resto da vida, com Pedro Branco, Marco Paulo revelou-se um verdadeiro clássico para todos

vam refeições, mergulhados em silêncio e escuta de leituras religiosas, mantendo a instrução espiritual e a disciplina monástica de essência contemplativa. Seria aqui a liturgia do Officium Ensemble, cuja identidade coral se afirmou nos últimos anos como uma referência nacional dentro da música antiga, apostando no repertório renascentista português.

Recuperando partituras esquecidas ou que durante séculos permaneceram sem uma edição moderna, o grupo liderado pelo maestro Pedro Teixeira tem ajudado a divulgar o que alguns chamam de período de ouro da polifonia portuguesa, muito associado à Escola de Música da Sé de Évora e da qual fizeram parte Duarte Lobo, Filipe de Magalhães e Manuel Cardoso, mas também Estêvão de Brito e Estêvão Lopes Morago.

Foi essa a ementa servida, com grande destaque para o compositor madrileno Estêvão Lopes Morago, do qual se fez a estreia moderna da *Missa Dominicalis*. “É um compositor de grande expressividade”, diz o maestro numa breve troca de palavras com o PÚBLICO depois do concerto, identificando o seu *commissa mea* como o expoente máximo de uma criação artística, na qual cromatismo e prosódia se unem no sentido de potenciar a mensagem do texto. É, de facto, uma peça singular, dominada pela candura da harmonia, numa escrita cristalina que a reverberação do refeitório transformou num emaranhado de vozes encantatório.

E se a “envolvidência da reverberação é espectacular”, fazendo com que se “cante ainda melhor”, segundo Pedro Teixeira, por outro lado levanta desafios à precisão rítmica dos cantores e obriga o ouvido a ajustar-se à acústica do espaço. Uma vez habituados, pudemos desfrutar do contraponto imitativo, com pequenos cânones e breves desfasamentos de que se faz grande parte da retórica musical da Renascença. Intercalando os números da missa com vários motetes, a direcção viva do maestro ajudou à articulação das sucessivas entradas e à boa condução das vozes de um coro bastante cúmplice entre si, experiente e capaz de fusão harmónica e de um timbre uno e brilhante.

“Somos grandes admiradores de música antiga. Não conhecíamos música renascentista portuguesa, mas é maravilhosa – ainda para mais num espaço como este”, confessava um casal belga, no fim do concerto. Além dos compositores portugueses, ouviram-se ainda duas obras de Giovanni Pierluigi Palestrina, que celebra este ano o seu 500.º aniversário. Mas a verdadeira celebração do compositor italiano estava marcada para o dia seguinte.

O convite estava feito pelo grupo espanhol La Grande Chapelle, com

um programa exclusivamente de motetes que pretendia sublinhar sobretudo a música para coro duplo de Palestrina. A noite revelou-se, contudo, anódina. Os gestos diligentes e teatrais do maestro Albert Recasens pareciam não ter grande efeito no grupo de vozes maioritariamente masculinas (com as linhas de contralto cantadas por dois homens), das quais se destacaram os baixos graves e seguros. Apoiados pelo órgão e violone em quase todo o programa, as interpretações que nos pareceram mais bem conseguidas foram, curiosamente, as feitas a *cappella*, como a antifona a cinco vozes *Crucem sanctam subiit*. A festa terminou com um anticlimático fogo-de-artifício (lá fora) durante a última música.

Antes do programa dedicado a Palestrina, ouvimos, num concerto de entrada gratuita no “bosque” em frente ao mosteiro, as melodias dengosas de Marco Paulo no jazz insurrecto do guitarrista Pedro Branco com Carlos Barretto (contrabaixo) e João Sousa (bateria).

Na plateia, sorrisos de várias idades deixam os corpos balançar ou bater o pé ao som de temas como *Eu tenho dois amores* ou *Sempre que brilha o Sol*. Não há como saber se os risos confessam um *guilty pleasure* ou são resposta a um tipo de humor musical à *la Deixem o Pimba em Paz*. Mas uma coisa é certa, entre *Taras e manias*, e temas menos conhecidos, como *O resto da vida*, com Pedro Branco, Marco Paulo revelou-se um verdadeiro clássico para todos.

Rei Sol na sacristia

Anteontem, um dos momentos altos do festival com o concerto do grupo francês Le Poème Harmonique (no dia anterior tinha tocado no Museu Nacional dos Coches, em Lisboa). Em Alcobaca, a viagem até aos primeiros anos do reinado do francês Luís XIV fez-se na sacristia manuelina, um dos recantos mais belos do mosteiro, normalmente fechado ao público. A primeira peça foi aliás “*Plainte de Vénus sur la mort d'Adonis*” uma ária da *Ballet de Flore* de Jean-Baptiste Lully, na qual Luís XIV “interpretou o papel do Sol em 1669, no grande salão das Tulherias” como lembra a nota de programa.

A voz de Éva Zaïcik (*mezzo-soprano*) é plena dos clichês que associamos à música francesa: requinte, elegância, graciosidade e uma enorme expressividade, que nos convida a um barroco íntimo e doce, que preencheu toda a primeira parte do concerto. Mas igualmente dramática e operática, atacando o repertório italiano (com destaque para a música de Francesco Cavalli) com igual à vontade. O grupo liderado por Vincent Dumestre, a partir da teorba, arrancou os maiores (e merecidos) aplausos a que assistimos.

Festival de Alcobaça
No Cisternmúsica,
o clássico vai de
Palestrina a
Marco Paulo

Cultura, 30/31

ISSN-0872-1548